

A escrita poética de Wittgenstein, sua tradução

*Helena Martins**

RESUMO: Este texto pensa a insistência de Ludwig Wittgenstein no laço entre a filosofia e a poesia: interroga-se sobre os modos particulares como o filósofo atende a esse imperativo poético na sua escrita, sobre o horizonte que anima o seu proverbialmente obsessivo trabalho textual. Respondendo ao tema deste volume, a reflexão aqui oferecida se deixa conduzir pelo signo hoje bem generoso da tradução – tradução entre o filosófico e o poético, entre o escrito e o lido, entre línguas de origem e línguas de destino. Busca-se, sobretudo, dar a ver o desafio silencioso e sutil (amiúde ignorado) que a escrita poética de Wittgenstein impõe aos que desejam de alguma forma traduzi-la: o desafio de uma linguagem a um só tempo comum e estranha, sua claro-escura irredutibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Wittgenstein; filosofia e poesia; tradução; estranho.

ABSTRACT: This text reflects on Ludwig Wittgenstein's insistence on the link between philosophy and poetry. It aims at grasping the modes through which the philosopher attends to this poetic imperative in his writings, and the horizon that animates his proverbially obsessive textual work. Responding to the theme of this volume, the reflection offered here is carried on under the broad sign of translation – translation between the philosophical and the poetic, between writing and reading, between languages of origin and languages of destination. The main drive is to expose the silent and subtle (often ignored) challenge posed by Wittgenstein's poetic writing to those willing to somehow translate it: the challenge of a language at once common and strange, of its clear-dark irreducibility.

KEYWORDS: Wittgenstein; philosophy and poetry; translation; strangeness.

* Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio – Pesquisadora Bolsista de Produtividade, 2, do CNPq.

O episódio é conhecido, mas julgo oportuno rememorar-lo aqui, para começar. Em novembro de 1914, o filósofo Ludwig Wittgenstein, então com 25 anos, chega à Polônia como soldado do exército austro-húngaro. Traz consigo um bilhete do poeta Georg Trakl, na época também um jovem de 27 anos, alistado nas mesmas forças armadas. Eis o bilhete, remetido de um hospital militar em Cracóvia, onde Trakl se encontrava então internado:

Ficaria muito agradecido se me concedesse a honra de uma visita. Estou há 14 dias no Hospital de Guarnição local, no quinto setor de doentes psíquicos e nervosos. Provavelmente receberei alta nos próximos dias, para retornar ao campo de batalha. Antes que isso se decida, gostaria imensamente de lhe falar. [Carta de Trakl a Wittgenstein, 26.10.1914?, TB, p. 116]¹

Trakl e Wittgenstein não se conheciam pessoalmente: um amigo comum, Ludwig von Ficker, tinha incentivado a marcação do encontro, julgando que isso poderia trazer algum alento aos dois combatentes, que, ele sabia, viviam extremamente atormentados e solitários na circunstância da guerra. Em um trecho de seus *Diários secretos*, datado do dia em que chega a Cracóvia, Wittgenstein de fato mostra entusiasmo com a perspectiva do encontro:

De manhã cedo, seguindo para Cracóvia, aonde chegaremos, parece, tarde da noite. Estou bastante ansioso por saber se me encontro com Trakl. Espero muito que sim. Sinto uma falta terrível de alguém com quem possa conversar um pouco. Sem isso as coisas também terão de se arranjar. Mas me revigoraria muitíssimo. Estive o dia inteiro um pouco cansado e tendendo à depressão. Não trabalhei muito. Em Cracóvia. Já é muito tarde para visitar Trakl hoje. [DS, 5.11.1914]

Tragicamente, no entanto, o encontro não acontece:

¹ Nas citações de obras de Wittgenstein, utilizamos as abreviações de praxe, listadas ao final deste texto. São minhas todas as traduções sem outra indicação. Agradeço a Marcia de Sá Cavalcante Schuback e a Luiz Carlos Pereira pelas valiosas ajudas – tradutórias e reflexivas.

De manhã cedo, rumo à cidade, ao hospital militar. Ali me informaram que Trakl faleceu faz poucos dias. Isso me afetou profundamente. Que tristeza, que tristeza!!! [DS, 6.11.1914]

Dessa sombria cena biográfica recolho elementos para erguer aqui um pano de fundo. Uma atenção a ela me dá ocasião para apontar, abreviados, certos aspectos da complexa e delicada questão mais geral que este trabalho mobiliza, a questão das relações entre filosofia e poesia. E prepara também o terreno para a reflexão mais específica que vou esboçar nos limites deste espaço – uma reflexão sobre o estatuto do poético nos escritos filosóficos de Wittgenstein.

Comecemos então pela questão geral, tentando reconhecer o jogo entre o filosófico e o poético com as cores da história recém-contada. Talvez assim. São de alguma forma conterrâneos o poeta e o filósofo. Tormentos semelhantes os afligem, atiram-se numa mesma grande guerra, enfrentam solidões e perigos próximos, alcançam, com sorte, vitórias ocasionais. Tendo tanto em comum, ainda não se conhecem. Debilitados pelas circunstâncias, buscam um encontro, para revigorarem-se. Desencontram-se: um não espera; o outro chega tarde.

Essa forma de ver não é, naturalmente, uma chave, não franqueia a essência da relação entre filosofia e poesia, essência que, de resto, creio eu, não comparece. Mas serve talvez para sublinhar os contornos de um certo *motivo* na história dessa relação, o motivo da tensão entre proximidade e distância, da oscilação entre os movimentos do encontrar e do desencontrar.

Desse jogo tenso e ambivalente temos, claro, testemunhos bastante antigos. Já Aristóteles tinha reconhecido no poético – no lugar da linguagem que não quer ser verdadeira nem falsa² – “algo de mais filosófico e mais sério” do que aquilo que nos poderia oferecer a história: pois a poesia “refere o universal”.³ Temos aí, no entanto, um elogio hesitante, mitigado: o “universal” poético vem

² *De Interpretatione*, 17a1-5.

³ *Poética*, IX, 50.

amortecido por aspas, limitado à ordem do *verossímil* e banido da esfera do *verdadeiro*, prerrogativa supostamente exclusiva do discurso filosófico-científico (pelo menos nas leituras mais convencionais de Aristóteles). Aqui a poesia se aproxima da filosofia, mas sua condição é, numa medida importante, inferior.

A situação é hoje bem outra. Respiramos um ar em que já respiraram Vico, Schlegel, Novalis, Nietzsche, Benjamin – para evocar apenas alguns dos gestos históricos mais vigorosos e contundentes na direção de uma reunião mais profunda, substantiva, orgânica entre o filosófico e o poético. Mas, ainda assim, uma ambivalência parece insistir. Filósofos que se reconhecem como herdeiros desses gestos, sendo, portanto, assíduos frequentadores na hoje tão nebulosa zona de fronteira entre literatura e filosofia, não se cansam de sublinhar também, por outro lado, a persistência paradoxal dessas fronteiras. “Ainda que a literatura não tenha definição”, nos diz, por exemplo, Derrida, “aquilo que se anuncia ou se recusa sob o nome de literatura não pode ser confundido com qualquer outro tipo de discurso; jamais será científico, filosófico, conversacional” (1992, p. 47). Para dar mais um exemplo, Deleuze, sustentando com veemência que a literatura é um *saber* tanto quanto a filosofia, e que a filosofia é *criadora* tanto quanto a literatura, fará questão de pontuar, por outro lado, que são distintas as suas criações: “o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia é criar conceitos” (1992, p. 154).

Diga-se que o mesmo tom ambíguo poderá ser muitas vezes escutado no lado da poesia e da literatura. O mesmo Guimarães Rosa que explicita para seu tradutor italiano o seu desdém pelo “bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva” (ROSA; BIZZARI, 2003, p. 57) – e que na célebre entrevista a Gunter Lorenz chega mesmo a afirmar que “a filosofia mata a poesia” –, ávido leitor de filosofia que era, ressalva: mata a poesia “desde que não venha de um Kierkegaard ou de um Unamuno” (ROSA, 1979, p. 7). Igualmente peremptória é, outro exemplo, a resposta

de Samuel Beckett a um entrevistador que lhe perguntara sobre influências filosóficas em sua obra: “nunca leio os filósofos; não entendo nada do que dizem” (BECKETT, 2001, p. 189-190). A afirmação é, no entanto, desmentida tanto pela sua biografia (sabe-se, por exemplo, que ele bem jovem devorou as obras de Descartes, sendo sobre o filósofo um de seus primeiros poemas publicados, *Whoroscope*) quanto pela própria trama alusiva de seus escritos, que remetem constantemente e com “conhecimento de causa” a um sem número de filósofos (os pré-socráticos, Platão, Santo Agostinho, Descartes, Schopenhauer, Leibniz, e muitos outros).

A história de Wittgenstein e Trakl e os breves exemplos que fiz gravitar em torno dela parecem então apontar para uma espécie inquieta de, digamos, “proxidistância” entre o poético e o filosófico. Quis aqui apenas sublinhar essa inquietude, sem, de modo algum, tentar aquietá-la.

Talvez possamos dizer que, não se deixando propriamente apartar *nem* reunir, a filosofia e a poesia convidam-se privilegiada e mutuamente à *tradução* – à habitação de um espaço em que o desencontro é o encontro. “Não se pode separar a filosofia da poesia”, nos diz Derrida: “devemos somente traduzir uma na outra, ainda que o poético (enraizado na particularidade de uma língua) marque justamente aquilo que limita a traduzibilidade” (1990, p. 378).

Interessa-me neste trabalho examinar uma instância específica desse tipo de gesto tradutório, de abertura de uma linguagem à violência transformadora de uma outra, que resiste. Refiro-me, como já antecipei, ao gesto de Wittgenstein na direção da poesia. Cabe aqui retomar a história que abriu este texto. Pouco depois da morte de Trakl, Wittgenstein escreve:

Ficker me enviou poemas do pobre Trakl, que considero geniais, sem entendê-los. Fizeram bem a mim. [DS, em 24.11.1914]

Obrigado por ter me enviado os poemas de Trakl. Não os compreendo, mas o *tom* deles me deixa feliz. É o tom do verdadeiro gênio. [Carta a Ficker, de 28.11.1914, TB, p. 117]

Wittgenstein não entende a língua estrangeira de Trakl; não entende aquilo que acha genial. Um *tom* que sua compreensão não consegue alcançar o faz feliz. Esses registros dão testemunho condensado de alguns motivos recorrentes na trajetória de Wittgenstein: um grande interesse pela linguagem poética; um sentimento de que essa língua lhe resiste, de que está nela sempre como estrangeiro; uma convicção de que as coisas não se esgotam naquilo que com a linguagem se pode *dizer* e que se pode compreender intelectualmente – de que mais profundo e importante é talvez aquilo que nela e com ela se *mostra* –, que se deixa reconhecer sem propriamente deixar-se entender.

O interesse de Wittgenstein pela dicção poética é, com efeito, explicitado em inúmeras ocasiões, chegando a tomar a forma de um imperativo: “penso ter resumido a minha atitude para com a filosofia quando disse: a filosofia deveria apenas escrever-se como uma *composição poética*”.⁴ Na continuação dessa passagem, por outro lado, ele dá testemunho da dificuldade que sente para honrar esse imperativo: “estava assim revelando-me como alguém que não consegue fazer totalmente aquilo que gostaria de ser capaz de fazer.” (VB, p. 24). A dificuldade parece às vezes conviver com a convicção de que não há outro caminho possível: “se o que desejo mostrar não é uma forma correta de pensar mas antes um novo movimento de pensamento [...] chego então a Nietzsche e à opinião de que o filósofo deve ser um poeta”.⁵

Seja como for, ainda que se reconhecesse por vezes como “um poeta de segunda classe” cuja respeitabilidade se devia menos a seu talento do que ao fato de ser “rei caolho em terra de cego”,⁶ Wittgenstein não deixava de trabalhar obsessivamente sua escrita – de lutar a luta mais

⁴ *Philosophie dürfte man eigentlich nur dichten*. VB, p. 24.

⁵ N, 23.03.1940, item 120, p. 145r.

⁶ N, 24.02.1940, item 117, p. 193.

vã, diríamos com Drummond. Talvez esse empenho com a linguagem estivesse voltado não apenas para aquilo que ele gostaria de *dizer* (filosoficamente?), mas também para o que aspirava a *mostrar* (poeticamente?).

Não resta dúvida, porém, de que Wittgenstein insistiu na existência de uma relação interna entre os movimentos da sua filosofia e os movimentos da sua escrita. Disso ele dá o mais longo e explícito testemunho no prefácio de suas *Investigações filosóficas*, quando confessa por que renunciou a converter as suas anotações em um livro que articulasse em uma totalidade bem ordenada esses fragmentos:

Após várias tentativas fracassadas para condensar meus resultados num todo assim concebido, compreendi que nunca conseguiria isso. Que as melhores coisas que eu poderia escrever permaneceriam sempre anotações filosóficas; que meus pensamentos logo se paralisavam quando tentava, contra sua tendência natural, forçá-los em uma direção. – E isto coincidia na verdade com a natureza da própria investigação. [...] As anotações filosóficas deste livro são, por assim dizer, uma porção de esboços de paisagens que nasceram nessas longas e confusas viagens. [...] Assim, este livro é apenas um álbum. (PU, p. ix)

A despeito de sua severa autocrítica, de sua sensação de fraqueza poética, Wittgenstein já nos dá aqui elementos para aferir o modo como, afinal, a sua escrita filosófica se abre para esse *outro*, busca, por assim dizer, traduzi-lo: em sua predileção pelo álbum, pelas observações esparsas e erráticas, parece corresponder a seu modo à *exigência fragmentária* que Blanchot soube reconhecer como um imperativo que nos acompanha pelo menos desde a avenida aberta pelos românticos de Iena. A renúncia à crença na possibilidade das grandes metateorias e da redução do mundo aos conceitos gerais faz colapsar também a crença na forma de exposição sistemática, historicamente associada à discursividade filosófica. No lugar disso, a linguagem descontínua, perpassada por incongruências e aparentes

esquecimentos, entremeada de quebras abruptas, pausas, silêncios. Quem quer que frequente o *corpus* wittgensteiniano haverá de reconhecer a prevalência e, com sorte, o êxito desses modos de escrita.

A essa estratégia acrescentam-se outras, igualmente importantes: a reticência sonegadora de sua prosa interrogativa, a transparência opaca das suas metáforas e analogias, o dialogismo indeciso de vozes confundidas, o ritmo das proteiformes repetições e retornos, a frequência um tanto desconcertante do tom infantil (o rei está nu), as marcas confessionais de hesitação que, espalhadas pelos textos, dão-lhes tantas vezes ares de diário, de rascunho.

Um ponto importante aqui é, no entanto, o seguinte: fala também com eloquência sobre os modos poéticos de escrita de Wittgenstein o fato de que, mesmo sendo assim tão endêmicos e insistentes, eles tenham sido tantas vezes ignorados – e isso mesmo em face das advertências mais explícitas que, como vimos, Wittgenstein fez sobre a relevância *filosófica* do estilo, do seu estilo para a sua filosofia. Podemos pensar sobre isso novamente sob o signo amplo da tradução, perguntando-nos agora: como se tem *traduzido* a escrita de Wittgenstein, não apenas em outros idiomas nacionais, mas também no idioma dos comentários e exegeses que dela partem?

Começemos por registrar que é apreciável, entre os leitores do filósofo, a recorrência de um sólido núcleo de surdez com respeito ao importe poético de sua escrita. Entre os interessados pelo seu legado, parece haver consenso acerca da força extraordinária de sua prosa – quase tão recorrente quanto esse elogio, no entanto, é o seu imediato descarte, sua redução à irrelevância, seu desaparecimento tanto em leituras exegéticas quanto em traduções.

Um caso paradigmático aqui diz respeito à experiência de Wittgenstein com o Círculo de Viena, no final dos anos 1920. Conta-se que, cedendo à pressão de sua irmã, Gretl, Wittgenstein concordou certa vez em se encontrar com Moritz Schlick, filósofo, físico e fundador do referido Círculo de pensadores e matemáticos unidos pela pers-

pectiva positivista e pelo cientificismo. Diz-se que, depois desse primeiro encontro, Wittgenstein teria comentado com o amigo Paul Engelman que cada um saía de lá com a impressão de que o outro era louco. Teria ainda dito a Schlick que não poderia participar do círculo, porque só conseguia discutir com alguém a quem pudesse “dar as mãos”. Nas reuniões, com um grupo menor de filósofos, de que afinal concordou em participar, Wittgenstein experimentava por vezes uma grande dificuldade de “dar as mãos” aos presentes, interessados, sobretudo, em discutir com ele o seu *Tractatus logico-philosophicus*. Notadamente, em algumas ocasiões, em vez de argumentar, para a surpresa geral, virava-se de costas e punha-se a ler poemas, em particular os do poeta indiano Rabindranath Tagore, marcados por um lirismo místico que não poderia ser mais estranho ao ambiente do Círculo. Um dos participantes, o filósofo Rudolph Carnap, teria certa vez confessado que lera o *Tractatus* pela primeira vez sem prestar a menor atenção no motivo do místico, o que o levava a julgar equivocadamente que Wittgenstein pensava como ele sobre a metafísica (v. MONK, 1995, p. 225-226). O ponto a observar aqui é que é Wittgenstein que, acercando-se do poético, deixa perplexos os filósofos, com eles se desentende.

Outro indício dessa surdez encontraremos, claro, ao examinarmos algumas das traduções das obras de Wittgenstein. Não havendo espaço nem pertinência para desenvolver esse ponto de forma aprofundada, limito-me a dar um exemplo que, embora seja bastante específico, pode ser tomado como metonímico de uma propensão bem mais ampla. Trata-se de uma tendência que é surpreendentemente assumida e resumida por Brian McGuinness, em uma passagem em que justifica suas opções tradutórias para a seguinte passagem de *Cultura e valor* (VB, p. 37-38):

In aller großen Kunst ist ein WILDES Tier: gezähmt.

In all great art there is a wild beast – tamed.

McGuinness se justifica:

Omiti todos os sinais de ênfase [...]. Os usos tão frequentes que Wittgenstein faz deles distorcem o seu texto. Seu estilo é, tanto em inglês quanto em alemão, singular e claro o bastante para dispensar esses auxílios acidentais. A presença desses elementos é, portanto, um fenômeno estranho. (2002, p. 22)

Na continuação dessa passagem de *Cultura e valor* (VB, p. 37-38), Wittgenstein sugere que a obra de arte desprovida dessa vida selvagem, desse tumulto que luta por se manifestar, arrisca-se a ter a debilidade relativa de uma “planta de estufa”. Para além de qualquer discussão sobre a maior ou menor adequação da decisão tradutória de McGuinness nesse caso particular, surpreende o fato de que ele não hesita em eliminar da escrita de Wittgenstein isso que reconhece como um “fenômeno estranho”: valoriza o texto singular, mas antes de tudo claro, liso, livre da distorção – atributos, diga-se, longamente louvados na história da escrita filosófica ocidental, mas não na da escrita poética. Pois não tem, afinal, o poético uma ligação quase atávica com o estranho, com a remoção da “película de familiaridade” (Coleridge) que paradoxalmente oculta as coisas?

O tradutor aqui domestica a selvageria da letra maiúscula, recompõe e unifica as ênfases do adjetivo dado à besta e do adjetivo dado à obra. Mas não haveria boas razões para tentar ver aqui como *dichten*, como composição poética, a escrita de Wittgenstein? Atender ao seu apelo? *Dichten* se traduz também por *adensar* ou *condensar*. Se nos aproximamos com esse olhar dessa escrita, não devemos resistir ao impulso de “desamarrotá-la”, de eliminar o seu estranho? Não estará McGuinness aqui correndo o risco de transformar em planta de estufa uma grande arte?

Nos trabalhos de leitura, citação e tradução dos escritos de Wittgenstein, não serão raros esses impulsos pacificadores: preenchem-se silêncios e reticências, repar-

tem-se as vozes dialógicas que se aparecem misturadas, corrigem-se as quebras e as incongruências, respondem-se às perguntas deixadas em aberto como ecos. Diminuem-se assim, talvez, as chances de perceber que essas formas, assim descontínuas, abertas, irresolutas, indecidíveis, talvez estejam a *mostrar* algo importante.

Em seu famoso ensaio intitulado “Versões Homéricas”, Borges menciona ironicamente um tradutor que consegue transformar a *Ilíada* numa “série de notícias tranquilas” (2008, p. 110). O “escândalo” patente desse procedimento se deve talvez ao drama e à força épica que nos acostumamos a esperar e mesmo exigir do texto grego. Mas o que dizer do texto de um filósofo que buscou tão famosamente “trazer de volta as palavras para o seu uso comum” (PU, §116)? Que “escândalo” poderia haver em garantir que esse texto se mantenha então comum, pacífico, normal? Pensar o estatuto do poético na escrita wittgensteiniana impõe lidar com perguntas desse tipo.

Marjorie Perloff escreveu precisamente sobre isso, em um ensaio intitulado “*Wittgenstein and the question of poetic translatability*”. Ajuda talvez aqui considerar brevemente a sua reflexão. Ela começa por observar que o *poético* é, em geral, associado a uma especial resistência à tradução – isso por conta de seu maior *enraizamento na particularidade de uma língua*, tomando-se em empréstimo os termos já citados de Derrida. Perloff pondera que, se comparamos os aforismos de Wittgenstein a, por exemplo, os versos de Rilke, ficará patente a traduzibilidade maior dos primeiros em relação aos segundos. Sustenta, então, que o tipo de poeticidade trazida na escrita de Wittgenstein se aproxima dos movimentos da *arte conceitual*. Nas palavras de Sol Lewitt, esta seria “a arte feita para engajar a cabeça e não o olho de quem vê” (*apud* PERLOFF, 2004, p. 43). Num fraseado nem sempre fácil de conciliar com a perspectiva tão francamente antirrepresentacionista de Wittgenstein, Perloff nos diz:

Na prática de Wittgenstein, a arte conceitual começa com a investigação da gramática, com a descrição das relações reais entre palavras e frases na unidade maior de que não se dissociam. A ordem superficial das palavras irá, é claro, variar de língua para língua, de acordo com as regras que cada língua prescreve para as relações entre as partes do discurso. Mas a relação básica que as partes do discurso – substantivos, adjetivos, preposições – mantêm entre si permanecerá a mesma. (2004, p. 43)

A proposta de Perloff, aqui talvez injustamente abstraída de seu contexto maior e, portanto, aparentando talvez um enganoso simplismo, é muito interessante – e sua discussão mereceria um outro texto. Limito-me assim a objetar aqui à imediatez com que a autora parece “desenraizar” a escrita de Wittgenstein, não apenas das oportunidades e limites eventualmente singulares da língua alemã – da *vida* substantivamente singular dessa língua, para muito além de suas especificidades sintáticas –, mas, sobretudo, daquilo que na escrita de Wittgenstein parece justamente resistir ao conceito, àquilo que nela engaja talvez não (apenas) a cabeça, mas talvez (também) o olho, o ouvido, o corpo; àquilo que, na verdade, talvez nos acene com a promessa liberadora de demover todas essas separações, falando a tudo em nós, falando-nos. Ao reconhecer em Wittgenstein um *poeta da linguagem* e não um poeta de uma língua particular, apoiando-se para isso, sobretudo, no argumento da suposta docilidade da escrita wittgensteiniana à tradução, Perloff se arrisca talvez a subestimar a riqueza que há no heterogêneo das línguas – a *desreconhecer* as chances que a ocasião da tradução oferece para liberar “as possibilidades que toda língua tem de ser diferente de si mesma, estrangeira para si mesma” (BLANCHOT, 1997, p. 59).

Vale registrar ainda que os tradutores dos textos de Wittgenstein com frequência enfatizaram formidáveis dificuldades de tradução, dificuldades sintáticas e lexicais, que Perloff reconhece e subestima, mas também

as dificuldades de um texto misterioso, a um tempo informal e exato, direto e sutil, e sobretudo: comum e estranho. O próprio Wittgenstein deu testemunho dessa dificuldade, à época em que decidiu elaborar um volume a partir do material contido no *Livro marrom*, escrito originalmente em inglês. Depois de um mês lutando com a revisão e a tradução para o alemão, Wittgenstein decidiu abandonar o material em inglês e escrever tudo de novo em alemão, alegando que o inglês lhe “tolhia o raciocínio” (v. MONK, 1997). Diga-se o mesmo de Beckett, que Perloff aproxima de Wittgenstein no que tange ao alto potencial de traduzibilidade: Patrick Bowles, parceiro de Beckett na tradução de Molloy, relata que Beckett costumava sublinhar que não se tratava propriamente de traduzir, mas antes de escrever o livro de novo em outra língua.⁷

⁷ Claro está que toda essa discussão toca num ponto nevrálgico e paradoxal do pensamento de Wittgenstein: o fato embaraçoso de suas reflexões sobre a linguagem serem reflexões sobre algo que, de acordo com o movimento de seu próprio pensamento, a rigor, não comparece. Talvez falemos do ocidente quando falamos *da linguagem*. Talvez não.

Para concluir, gostaria de retomar num outro ângulo, já insinuado, a questão da poeticidade da escrita de Wittgenstein em sua relação com a tradução.

Ensina Blanchot: “na deriva solene das obras literárias” afirma-se “tudo o que uma língua contém de futuro num momento particular, tudo o que nela convoca ou indica um estado que é outro, por vezes perigosamente outro” (BLANCHOT, 1997, p. 59). Podemos pensar, então, que uma obra poética contrai com a sua própria língua uma relação paradoxal de tradução. Sobretudo se, com Blanchot e também com Deleuze, aceitamos que literatura infiltra no seio de uma língua uma espécie de língua estrangeira: e que faz tremer a língua em que se infiltra, buscando conjurar os seus futuros, liberar o que nela é diferente de si, estrangeiro para si.

Quando tentamos pensar que o poético na escrita de Wittgenstein se relaciona de alguma maneira a essa compreensão, somos devolvidos a um ponto já tocado: a professada fidelidade de Wittgenstein à *língua comum*. Um apego excessivo ao dito “está tudo certo com a linguagem ordinária” (BB, p. 18) pode nos levar a crer que

o projeto de Wittgenstein nada tem a ver com aqueles abalos à linguagem comum que caracterizam tantas poéticas contemporâneas, como a de um Beckett, um Joyce, um Rosa, todos, ao que parece, acomodáveis com mais conforto sob as palavras de Blanchot. Pois Wittgenstein teria justamente, afinal, desejado trazer as palavras de *volta* para os seus usos mais comuns. Mas aqui poderíamos nos perguntar: de volta de onde? Para onde? Uma resposta relativamente cansada: de volta da metafísica, das pretensões reducionistas dos filósofos profissionais. Outra, mais interessante (que não exclui a primeira): de volta de uma língua comum saturada, exausta, para uma língua comum estranha, desuniforme, heterogênea, sem chão – de volta à vertigem do sem fundo, a seus perigos, suas chances.

Em *Sobre a certeza* (UG, §559), Wittgenstein nos diz:

Você deve ter em conta que o jogo da linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não se baseia em fundamentos. Não é razoável (nem irrazoável).

Está aí – tal como a nossa vida.

A língua comum não é razoável nem irrazoável: não se reduz ao regulado, ao prosaico, ao banal, ao pacífico; tampouco se reduz ao arbitrariamente convencional, ao irracional, ao ilusório. Não se opõe a nada, por nada se limita: esta aí, tal como a vida. Não tem fundo de razão, nem de desrazão. Não tem fundo.

Ao refletir sobre a poeticidade na escrita de Wittgenstein, Stanley Cavell lhe atribui a virtude de deflagrar “choques de liberdade” – a possibilidade de experimentarmos algum prazer com a obscuridade de onde toda claridade provém – e insiste (2004, p. 24).

Talvez essa possibilidade se abra somente aos que se dispõem a ler o texto de Wittgenstein – a traduzi-lo – como escrita poética, e não apenas filosófica. O silêncio preenchido, a pergunta decidida, a quebra corrigida, a decisão sobre

quem é quem no diálogo confuso, a tudo isso a escrita de Wittgenstein cede – e cede com muito mais facilidade, é verdade, do que cederiam os poemas de Rilke, a prosa de Guimarães Rosa. Mas a eliminação desse sutil estranho é também paradoxalmente a eliminação do comum. O desafio que a escrita poética de Wittgenstein impõe aos seus leitores e tradutores é, pois, um desafio silencioso – desafio de reconhecer que, na tradução do comum, a língua de origem é a língua de destino:

O lugar onde eu realmente desejo ir é o lugar onde já devo estar agora. (VB, p. 10)

Para isso, é preciso saber gostar daquilo que não se entende. Só pelo tom, talvez.

Referências

Obras de Wittgenstein citadas, com respectivas abreviações:

[BB] *The blue and brown books: preliminary studies for the “philosophical investigations”*. New York: Harper & Row, 1965.

[DS] *Ludwig Wittgenstein. “Diários secretos”*. Org. de Wilhelm Baum. Trad. do alemão de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 1991.

[N] *Wittgenstein’s Nachlass: the Bergen electronic edition*. Ed. Wittgenstein Archives at the University of Bergen. Oxford: Oxford University, 2000. (electronic)

[PU] *Philosophische Untersuchungen / Philosophical investigations: the German text, with a revised English translation 50th anniversary commemorative edition*. Tradução de G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell, 2001.

[TB] *Wittgenstein: Tagebücher und Briefe*. Intelix Past Masters database editions. Clayton, GA: InteLex Corporation, 1989 ff (electronic).

[UG] *Über Gewissheit / On certainty*. G. H. von Wright e G. E. M. Anscombe (Orgs.). Ed. bilíngue, com tradução para o inglês de Denis Paul e G. E. M. Anscombe. New York: Harper & Row, 1972.

[VB] *Vermischte Bemerkungen / Culture and value*. Ed. bilíngue com tradução para o inglês de Peter Winch. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

Outras obras:

ARISTÓTELES. De interpretatione, 17a1-5. In: _____. *Ontologia e predicação em Aristóteles*. Seleção, tradução e comentários de L. Angioni. Campinas: Unicamp, 2000.

_____. *Poética*, IX, 50. Tradução e notas de E. de Souza. São Paulo: Abril, 1978.

BECKETT, S. Algumas entrevistas. In: ANDRADE, Fábio de Souza. *Samuel Beckett: o silêncio possível*. São Paulo: Ateliê, 2001. p. 183-195.

BLANCHOT, Maurice. *Friendship*. Trad. Elizabeth Rotttemberg. Stanford, California: Stanford University, 1997.

BORGES, J. L. *Discussão*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 110.

CAVELL, Stanley. The *Investigations'* everyday aesthetics of itself. In: GIBSON, John; HUEMER, Wolfgang (Orgs.). *The literary Wittgenstein*. London: Routledge, 2004. p. 21-33.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Parl Perlbart. Rio de Janeiro: 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. Théologie de la traduction. In: _____. *Du droit à la philosophie*. Paris: Galilée, 1990.

_____. *Acts of literature*. Derek Attridge (Org.). Nova York e Londres: Routledge, 1992.

MCGUINNESS, B. *Approaches to Wittgenstein: collected papers*. Routledge, 2002.

MONK, Ray. *O dever do gênio*. Trad. de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

PERLOFF, Marjorie. 'But isn't the same at least the same?': Wittgenstein and the question of poetic translatability. In: GIBSON, J.; HUEMER, W. (Orgs.). *The literary Wittgenstein*. London: Routledge, 2004. p. 34-54.

ROSA, J. G.; BIZZARRI, E. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ROSA, João Guimarães; LORENZ, Günther W. Literatura e vida: um diálogo de Günther W. Lorenz e João Guimarães Rosa. *Arte em Revista*, n. 2, p. 5-17, 1979.

